

A INDISSOCIABILIDADE ENTRE ENSINO-PESQUISA-EXTENSÃO: REALIDADE, MITO OU META?

Ana Maria Caliman Filadelfi¹

Eduarda Jaskin²

Jennyfer Chantel Pellini de Siqueira²

Glancia Tobaldini³

Resumo

A efetiva indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão (IEPE) garantiria a retroalimentação da pesquisa e ensino universitários a partir das reais necessidades da população, compreendidas com base na prática da extensão universitária. O projeto de extensão “Fisiologia na educação de jovens conscientes para a cidadania” visa ampliar a formação cidadã de crianças e adolescentes, dos 9 aos 14 anos, baseado em três eixos: (1) aulas sobre o funcionamento do corpo humano, noções de higiene e autocuidado, etc; (2) aplicação de um questionário de mapeamento geral da saúde, habitação e saneamento para o público-alvo, com o objetivo de pesquisar tais condições; (3) produção e divulgação virtual dos resultados da pesquisa e de materiais didáticos produzidos no projeto. As ações ocorrem em duas instituições parceiras, situadas em bairros socialmente menos favorecidos de Curitiba, PR: Cajuru e Tatuquara. Já há publicações sobre as atividades do projeto e as diferentes estratégias de aulas utilizadas. Neste artigo, são apresentados dados dos questionários obtidos entre 2014 e 2016 (n=15-50) e os mesmos são analisados à luz das ações do projeto, das características do público-alvo e do tema IEPE. Apesar dos dados não terem corroborado diretamente os benefícios das ações do projeto, como aulas para o público-alvo e educadores, palestras da pós-graduação em Fisiologia para os pais vinculados às instituições parceiras e divulgação virtual de materiais didáticos, estas, certamente, permitiram que o conhecimento universitário sobre saúde acessasse e fosse retroalimentado pela própria comunidade. Portanto, o projeto pareceu contribuir na construção da tão desejada e relevante IEPE.

Palavras-chave: Educação. Extensão Universitária. Indissociabilidade. Saúde.

INTRODUÇÃO

A educação superior deveria permitir que os graduados fossem não somente capazes de atuar em seus respectivos campos profissionais, mas também que tivessem um olhar voltado para os aspectos sociais, gerando uma ação transformadora da realidade social em que estivessem inseridos (BORGES & ARAÚJO, 2012; CATANA & SOUZA; MACIEL et al., 2010; MOITA & ANDRADE, 2009; PUHL & DRESCH, 2016; ROSÁRIO et al., 2013).

Para que esse ideal seja atingido, as atividades de extensão podem ser bastante relevantes ao criar a verdadeira possibilidade de ensino, segundo o que Paulo Freire sugere para a palavra ensinar: “ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades

¹ Professora Associada junto ao Departamento de Fisiologia, Setor de Ciências Biológicas, Universidade Federal do Paraná (UFPR), Curitiba, PR. Graduada em Ciências Biológicas, Mestre e Doutora em Fisiologia. E-mail: anamfila@gmail.com, anamfila@ufpr.br

² Graduandas do curso de Enfermagem da UFPR e ex-bolsistas do projeto.

³ Colaboradora externa - Professora do Departamento de Fisioterapia da Universidade Positivo, Curitiba, PR. Mestre e Doutora em Fisiologia.

para sua própria produção ou a sua construção" (FREIRE, 1996, apud BORGES & ARAÚJO, 2012, p. 1).

Essa relevância também resignifica a pesquisa, por ser capaz de gerar projetos que tenham maior relação com as necessidades sociais, criando, assim, um mecanismo de retroalimentação em relação ao que será pesquisado e, portanto, permitindo superar a atual dicotomia entre teoria e prática (PUHL & DRESCH, 2016).

Dessa forma, na teoria, sabe-se que a tríade ensino, pesquisa e extensão, pode garantir a produção, o aprendizado e a transmissão de cultura e conhecimento em nível universitário para as diversas camadas sociais da população brasileira, permitindo à sociedade usufruir desse saber e ampliando a cidadania e a dignidade social (BORGES & ARAÚJO, 2012; CATANA & SOUZA). Contudo, a análise da realidade nem sempre ratifica esse ideal.

A história da extensão universitária brasileira, apesar de breve, já passou por momentos diversos. Sabe-se que não deve ser exercida como um recurso para o assistencialismo e sim estabelecendo uma relação de mutualismo entre os dois organismos, universidade e sociedade. No entanto, em 1931, quando pelo decreto-lei nº19.851, temos o primeiro registro no Brasil sobre Extensão Universitária, esta foi de cunho essencialmente assistencialista e, a seguir, logo encerrada pelo Golpe militar de 1964. Porém, mais tarde, em 1966, ações similares ocorrem: com a criação do Projeto Rondon, os estudantes universitários servem ao Estado atuando como voluntários; e, similarmente, via os centros rurais universitários de treinamento e ação comunitária, junto às comunidades rurais, dedicam-se ao ideal desenvolvimentista (COLEÇÃO, 2006).

No ano de 1987, contudo, é criado o Fórum de Pró-Reitores de Extensão das Universidades Públicas Brasileiras (FORPROEX) que, avaliando a verdadeira função social das universidades tenta, junto ao MEC, implantar uma real política de extensão universitária voltada para as necessidades brasileiras (COLEÇÃO, 2006). Assim, no artigo 207 da Constituição Federal de 1988, fica determinado que: "*as universidades gozam de autonomia didático-científica, administrativa e de gestão financeira e patrimonial, e obedecerão ao princípio de indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão*" (BRASIL, 1988, grifo nosso).

Seguindo as tentativas de implementar a extensão, em 1993, são criadas as diretrizes políticas para o Programa de Fomento à Extensão (PROEXTE), que organiza os recursos financeiros destinados às universidades públicas. Todavia, logo são suspensas pelo MEC em 1996. Inclusive, em 2001, com a proposta do artigo 8º do decreto nº3860/91, é suspensa a constitucional indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão. Somente em 2003, ocorre

a volta do programa PROEXTE marcado por vários editais do CNPq voltados para incentivar as ações extensionistas a partir de diferentes ministérios: Ciência e Tecnologia, Cultura, Saúde e Meio Ambiente (BORGES & ARAÚJO, 2012; COLEÇÃO, 2006).

Somam-se a isso, diversas metas do Plano Nacional de Educação (PNE) 2001-2010, tais como (meta): garantir, nas instituições de educação superior, a oferta de cursos de extensão, para atender as necessidades da educação continuada de adultos (21); criar conselhos com a participação da comunidade/sociedade civil para controle social das atividades universitárias, objetivando assegurar o retorno à sociedade dos resultados das pesquisas, do ensino e da extensão (22); assegurar, no mínimo, dez por cento do total de créditos curriculares exigidos para a graduação, em programas e projetos de extensão universitária (23). Contudo, as metas não necessariamente significam ações concretas realizadas pelas universidades (GONÇALVES, 2015).

Ao contrário, apesar do princípio da indissociabilidade ensino, pesquisa e extensão estar frequentemente nos estatutos universitários, ele costuma ser mais teórico do que efetivamente prático, até menos porque, coexistência pode não significar indissociabilidade. Inclusive, somente um terço ou pouco mais das universidades brasileiras apresentam as condições e infraestrutura necessárias para a real prática desse princípio, as quais incluiriam, pelo menos, pós-graduação consolidada, titulação acadêmica e regime de trabalho em tempo integral. Dessa forma, apenas cerca de 3% das universidades, de fato, adotariam tal princípio e, 17% dos alunos matriculados nas IES, realmente viveriam essa experiência altamente enriquecedora de sua formação acadêmica (CATANA & SOUZA;GONÇALVEZ, 2015; MACIEL et al., 2010).

Outros pontos importantes que contribuem para a falta de implementação prática da indissociabilidade proposta são: **(1)** a sensível maior valorização/status dentro das universidades, do pesquisador em detrimento do extensionista e do educador (ANDERSON et al., 2011); **(2)** o fato da maior qualificação e instrução dos docentes levarem-no frequentemente a atuar mais na pesquisa e na pós-graduação e acabarem afastando-o do ensino e extensão na graduação, como se essas atividades não pudessem coexistir ou integrar-se; neste aspecto é também determinante a carga horária de trabalho em relação ao montante de responsabilidades assumida pelo docente (CESAR, 2013);**(3)** o fato dos atuais docentes tenderem a repetir os modelos aprendidos, já que a maioria vêm de currículos lineares conjuntamente com o menor peso que a extensão costuma ter durante os seus processos seletivos(GONÇALVEZ, 2015);**(4)** a expectativa de encurtar o tempo de formação dos alunos, para que eles retornem rapidamente ao mercado de trabalho, reduzindo suas

experiências na pesquisa e na extensão (MACIEL et al., 2010); (5) a falta de uma efetiva política acadêmica na qual exista, de fato, um projeto universitário interligando os eixos de ensino, pesquisa e extensão; neste aspecto falta também discussão sobre a responsabilidade social inerente a cada profissão e que se reflete na universidade, independentemente da obrigação governamental de empenhar-se em resolver as mazelas da sociedade (CATANA & SOUZA).

Em decorrência do exposto, o ensino e, principalmente, a extensão, terminam por ser relegados a um lugar secundário, reforçando as práticas de pesquisa e docência dissociadas da realidade, ao passo que o ensino eficaz e transformador deveria ser respaldado pela qualidade e eficiência não só da pesquisa, mas também da extensão. Ou seja, a extensão não deve ser vista como uma tarefa compulsória, quando nos reportamos, p. ex., à meta 23 de plano nacional de educação, mas sim como algo inerente ao compromisso social das universidades (MOITA & ANDRADE, 2009).

Mais ainda, a extensão é um espaço privilegiado para integrar também as diferentes áreas do conhecimento, superando a sua atual compartimentalização ou fronteiras e, contribuindo de maneira decisiva para a interdisciplinaridade. Este seria, então, mais um aspecto que contribuiria substancialmente com a formação, engajamento social e noção cidadã dos graduados em benefício da sociedade em que irão atuar profissionalmente (BORGES & ARAUJO, 2012; PUHL & DRESCH, 2016).

O projeto *Fisiologia na educação de jovens conscientes para a cidadania*, embora seja uma iniciativa isolada, visa contribuir na integração dos aspectos de ensino, pesquisa e extensão, cuja importância parece-nos patente, segundo o exposto. Teve início em 2011, tendo como público-alvo crianças e adolescentes, de 9 a 14 anos, em situação de vulnerabilidade social. Já teve alunos bolsistas e voluntários de vários cursos da área da saúde, tais como: Biologia, Enfermagem, Medicina, Biomedicina, Farmácia e Educação Física. E, até então, já gerou três artigos publicados nos seguintes periódicos: Revista Extensão em Foco (FILADELFI et al., 2014a), Revista Conexão da UEPG (FILADELFI et al., 2014b) e Revista Brasileira de Extensão (FILADELFI et al., 2015).

Em síntese, o projeto objetiva transmitir à sociedade, de forma lúdica e também baseada em questionários respondidos pela mesma, noções de higiene, saúde e autocuidado que ampliem não só a formação cidadã das crianças e adolescentes envolvidos, como a formação e engajamento social dos acadêmicos que constantemente atuam como voluntários ou bolsistas do projeto. Mais ainda, a interação dialógica entre a comunidade e a universidade, a produção de materiais didáticos disponibilizados à sociedade em geral por meio eletrônico e

o olhar contínuo para as necessidades da comunidade envolvida são continuamente visados e reforçados. Maiores detalhes podem ser obtidos na metodologia a seguir e nos artigos já citados (FILADELFI et al., 2014a;b; FILADELFI et al., 2015).

O objetivo deste artigo é apresentar e analisar dados de mapeamento da saúde do público alvo do projeto, coletados entre os anos de 2014 e 2016 e discuti-los à luz das ações do projeto, das características do público-alvo e do tema da indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão.

METODOLOGIA

A Extensão

Compreendida segundo a ação do projeto como um todo.

O Ensino/aulas: temas, atividades, público atingido e avaliação

O projeto “Fisiologia na educação de jovens para a cidadania” consiste em um conjunto de onze aulas teórico-práticas, ministradas segundo uma abordagem construtivista e voltadas para a realidade das crianças e adolescentes que frequentam as instituições parceiras: Centro Assistencial e Educacional Padre Gioncondo (Cajuru) e Projeto Abrindo Caminhos (Tatuquara). A duração das atividades foi de cerca de 2h no bairro Cajuru e 4h no bairro Tatuquara, por dia de encontro.

Em 2016, no Cajuru, houve duas turmas: uma pela manhã com 7 jovens e a outra à tarde com 12. Já no Tatuquara só houve uma turma à tarde, com 15 jovens. O número citado é o número inicial de jovens de cada turma, embora nem todos concluíam a participação no projeto, seja por excesso de faltas ou por abandono da instituição.

A seleção dos temas trabalhados em aula ocorreu, principalmente, a partir de critérios como: (1) questões relevantes na transição da infância para a adolescência, associada ou não a uma realidade socioeconômica desfavorecida; (2) solicitações dos assistentes sociais e coordenadores das instituições parceiras. Exemplos de temas trabalhados: O corpo humano; Doenças sexualmente transmissíveis (DSTs) e métodos anticoncepcionais (MACs); Drogas e seus principais efeitos; Riscos da automedicação (RAM), etc.

Na parte teórica das aulas, foi empregada a exposição dialogada dos temas a partir de slides exibidos em computador. Na parte prática, houve diferentes abordagens a fim de tornar as atividades bastante dinâmicas, contemplando a inquietude característica da faixa etária que consiste no público alvo, ou seja, 9 a 14 anos (PELIZZARI et al., 2002; SILVA et al., 2010;

VYGOTSKY, 1998). Após cada aula, foi realizada uma pequena avaliação em grupo, sobre conteúdo abordado.

Exemplos de atividades práticas (maiores detalhes em FILADELFI et al., 2015):

-simulações e dinâmicas (SILVA et al., 2010) com os alunos: para simular a expulsão do sangue pelo coração, um pequeno grupo de alunos dispõe-se em roda, de mãos dadas e outro aluno entra no centro da roda. Quando a roda é estreitada pela aproximação dos alunos, uma dupla solta as mãos e o aluno do centro é expulso pelos demais para fora da roda;

-jogos (CAMPOS et al., 2003; MURCIA, 2005): p. ex., um jogo de tabuleiro sobre saúde ambiental, poluição, reciclagem de lixo e economia de água;

-vídeos e materiais virtuais (PAIVA, 2010): p. ex., vídeos sobre o uso de drogas, distúrbios alimentares, etc. extraídos da internet; e o programa de computador “O tempo na vida” (<http://www.temponavida.com/site/Bem-vindos.html>, acesso em 22/03/17), utilizado na aula sobre Ritmos Biológicos. Foram utilizadas, ainda, atividades de teatro (fantoques ilustrando os riscos da automedicação), aquecimento e alongamento com música (SILVA et al., 2010) e leituras de revistas em quadrinhos sobre temas das aulas (p. ex. sobre drogas e riscos da automedicação).

Na tentativa de levar melhorias à comunidade em geral, nosso projeto utiliza-se de uma ferramenta da internet, o *blog*: “Fisiologia na Educação de Jovens para a Cidadania”, de acesso livre, e que aborda os conteúdos de todas as aulas ministradas, além de materiais alternativos, como cartilhas didáticas, oferecidos à comunidade nos formatos Power Point e/ou PDF, também através do *site* “*Slideshare*”. O *blog* é divulgado para alunos e educadores que podem colaborar na difusão para o restante da comunidade. Também foi criada uma página nas redes sociais de nome “Fisiojovens: educação, saúde e cidadania”. O alcance pode ser monitorado através de contadores disponibilizados nos respectivos *sites*. No caso da página mais recente, teve-se 79 curtidas, no *blog*, um total de 2.718 acessos, e no *site* “*Slideshare*” foi contabilizado um total de 330.760 acessos até a última verificação, em 28 de maio de 2018.

Antes do início das atividades com os alunos, tanto os educadores das instituições parceiras como bolsistas e voluntários passam por treinamentos didáticos e discussões sobre o projeto e são avaliados continuamente pela coordenadora. É facultado a todos opinar e fazer sugestões, ao longo da duração completa do projeto, e todos têm livre acesso aos materiais produzidos a ele associados. Não raramente, a vivência dessas situações extraclasse foi relatada pelos bolsistas como bastante enriquecedora em sua formação como universitários e cidadãos.

As atividades dos alunos incluíram a participação nas aulas, suas avaliações ao término de cada aula, uma avaliação final referente ao projeto (sobre eventuais mudanças de hábitos decorrentes das aulas e opiniões gerais) e o preenchimento de um questionário sobre mapeamento geral de saúde (ver abaixo). Ao final do projeto, os alunos que alcançaram média final de no mínimo 60 (de 0 a 100) nas atividades e tiveram pelo menos 75% de frequência foram considerados aprovados e receberam um certificado, confeccionado pela coordenadora.

O projeto já foi anteriormente realizado em instituições vinculadas ao Programa do Jovem Aprendiz (FILADELFI *et al.*, 2014a, 2014b) e, neste caso, a inserção do certificado do projeto no currículo dos adolescentes era prática comum.

A pesquisa: dados numéricos dos questionários de mapeamento da saúde

Foi aplicado um questionário com cerca de 20 questões ao público alvo de alunos (crianças e adolescentes) do projeto, o que permitiu a obtenção de dados para um monitoramento razoavelmente amplo das condições de higiene, saúde e qualidade de vida tanto deles próprios, como de seus familiares e dos bairros em que residiam. Cada aluno preenchia o seu próprio questionário com auxílio de bolsistas, voluntários e coordenadora.

Exemplos de aspectos monitorados: abastecimento de água e esgoto na residência, coleta de lixo e postos de saúde próximos, doenças na família, uso de medicamentos por conta própria, condições da residência e da escola aonde se estuda, segurança/policiamento próximo a ela, hábitos de leitura, etc. Ou seja, uma abordagem da saúde de acordo com uma visão mais global (baseada em Cartilha do Ministério da Saúde) sobre a qualidade e estilo de vida das pessoas, que vai além da simples presença ou ausência de doenças.

Em 2016, cujos dados são nosso principal foco de análise neste artigo, o total de pessoas que respondeu aos questionários foi de 19 alunos, no Cajuru, e 15, no Tatuquara. Esses dados foram comparados aos de anos anteriores, a saber: 2014 / 2015. Nos dados somados destes anos, o total de pessoas que respondeu aos questionários foi de 50 alunos, no Cajuru, e 25, no Tatuquara.

Todos os questionários respondidos foram passíveis de serem utilizados para análise, não tendo sido necessário nenhum critério de exclusão.

Análise estatística dos dados dos questionários

Os resultados do questionário sobre as questões de saúde geral foram apresentados como porcentagem do total de respostas “sim”. Para a análise dos dados foi aplicado o teste Exato de Fisher com nível de significância igual ou menor a 0,05 comparando o grupo Cajuru

VS. Tatuquara, em 2016 e os grupos Cajuru 2016 VS. Cajuru 2014/2015 e Tatuquara 2016 VS. Tatuquara2014/2015. Para realização dos cálculos estatísticos foi utilizado o programa GraphPad Prism v. 6, GraphPad Software, La Jolla California, USA.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Apesar da seleção dos temas trabalhados nas aulas do projeto ocorrer, principalmente, a partir de critérios como a relevância dos mesmos na transição da infância para a adolescência e as solicitações dos assistentes sociais e coordenadores das instituições parceiras, as respostas obtidas no questionário de mapeamento da saúde também são relevantes para a definição de manutenção ou alteração desses temas, nos anos subsequentes. Assim, os dados obtidos com esse instrumento de pesquisa são importantes como meio de retroalimentação das próprias atividades de ensino e extensão do projeto, sendo uma das maneiras de possibilitar a integração da tríade ensino/pesquisa/extensão raramente real, mas intensamente desejada e importante (BORGES & ARAÚJO, 2012; CATANA & SOUZA; PUHL & DRESCH, 2016).

Segundo a análise estatística pelo teste exato de Fisher, os dados do questionário de mapeamento da saúde de 2016 (Tabela 1) evidenciaram poucas diferenças significativas entre as respostas do público alvo do bairro do Cajuru e do Tatuquara, a saber, apenas no tocante ao conhecimento prévio sobre leptospirose ($p=0,0282$) e à porcentagem de pessoas que vão para a escola a pé ou de bicicleta ($p=0,0083$), ambos maiores no Tatuquara. Com relação a esse último dado, há bastante coerência com os relatos do público-alvo deste bairro de que a escola fica perto das suas residências e de muitas ruas não serem asfaltadas. Com relação ao maior conhecimento sobre leptospirose dos alunos do Tatuquara, isso pode ser devido ao fato de que cerca de 5 crianças/adolescentes desse grupo, em 2016, já haviam participado de aulas do projeto em anos anteriores e, aparentemente, retiveram esse conhecimento. Contudo, em 2016, as respostas obtidas foram bastante similares entre o público-alvo dos dois bairros (Tabela 1).

Tabela 1. Dados de questionários aplicados, em 2016, respondidos pelas crianças/adolescentes do Centro Assistencial e Educacional Padre Giocondo do Cajuru ($n = 19$) e do Projeto Abrindo Caminhos do Tatuquara ($n = 15$). As porcentagens referem-se às respostas *sim* para cada questão.

Questões	Cajuru	Tatuquara	Valor de p
Há saneamento básico?	95%	93%	1,0000
Há coleta de lixo?	95%	87%	0,5714
Há coleta de lixo seletiva?	68%	60%	0,9090
Recebem instruções sobre dengue?	53%	67%	0,7074
Sabem o que é dengue?	100%	93%	0,4412
Sabem o que é leptospirose? #	5%	27%	0,0282
Sabem como tratar alguém com piolhos?79%		53%	0,2883
Há postos de saúde perto de casa?	58%	87%	0,1336
Pessoas da sua família frequentam o posto de saúde?	90%	100%	0,4920
Há pessoas com problemas de saúde Na família?	69%	73%	1,0000
Pessoas da sua família usam remédios sem Sem consultar o médico?	42%	60%	0,2998
Você chega até a escola a pé ou de bicicleta? #	42%	87%	0,0083
A estrutura da escola é boa?	95%	73%	0,1458
Você recebe merenda escolar gratuita?95%		93%	1,0000
Há policiamento próximo à escola?	58%	47%	0,4765
Você lê livros além dos escolares?	68%	60%	0,7307
Você pratica ações de proteção ambiental?	95%	93%	1,0000

#diferenças significativas ($p < 0,05$) segundo o teste exato de Fisher. Fonte: Os autores.

Como essa similaridade era menor, segundo a análise de dados de anos anteriores (FILADELFI et al., 2015; FILADELFI et al., 2018, submetido), foram comparados estatisticamente também os dados dos grupos Cajuru 2016 VS. Cajuru 2014+2015 e Tatuquara 2016 VS. Tatuquara 2014+2015, a título de saber se houve variações significativas nos dados de cada instituição/bairro entre os diferentes períodos (Tabela 2).

Outro fato que motivou essa nova comparação, foi que, nos anos anteriores, as porcentagens de respostas SIM do público-alvo do Cajuru costumaram ser mais frequentes do que para os do Tatuquara (FILADELFI et al., 2015; FILADELFI et al., 2018, submetido), resultado amplamente discutido no último artigo referido, no qual foram apresentados também dados do IPPUC/internet (Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano de Curitiba)

relativos a ambos os bairros e evidenciando melhores condições de vida, em geral, no Cajuru, quando comparado ao Tatuquara. Assim, é claro que não em relação a todos os dados, mas ao menos àqueles relativos às informações que as aulas do projeto, efetivamente, trazem para o público em questão, levantou-se a hipótese de que a inversão desses resultados (Tatuquara com mais respostas SIM) poderia ter alguma correlação com a atuação do projeto no bairro do Tatuquara, a qual teria, então, implementado sua probabilidade de respostas SIM.

Tabela 2. Dados de questionários aplicados em 2016 X 2014+2015 respondidos pelas crianças/adolescentes do Centro Assistencial e Educacional Padre Giocondo do Cajuru (2016 – n = 19 e 2014+2015 - n = 50) e do Projeto Abrindo Caminhos do Tatuquara (2016 – n = 15 e 2014+2015, n = 25). A comparação dos dados de porcentagens de respostas sim às questões abaixo foi feita entre os grupos Cajuru 2016 VS. Cajuru 2014+2015 (C16 X C14+15) e Tatuquara 2016 VS. Tatuquara 2014+2015 (T16 X T14+15). Os dados exibidos são do valor de p das comparações.

Questões	Valor de p - C16 X C14+15	Valor de p - T16 X T14+15
Há saneamento básico?	0,6642	0,3750
Há coleta de lixo?	1,0000	0,1346
Há coleta de lixo seletiva?	0,9996	0,9077
Recebem instruções sobre dengue?	0,4055	0,1908
Sabem o que é dengue?	1,0000	0,3813
Sabem o que é leptospirose?	0,0002#	0,3110
Sabem como tratar alguém com piolhos?	1,0000	0,1775
Há postos de saúde perto de casa?	0,0022#	0,1582
Pessoas da sua família frequentam o posto de saúde?	0,6642	0,0328#
Há pessoas com problemas de saúde na família?	0,4134	0,1040
Pessoas da sua família usam remédios sem consultar o médico?	1,0000	0,5266
Você chega até a escola a pé ou de bicicleta?	1,0000	1,0000
A estrutura da escola é boa?	0,0943	0,1874
Você recebe merenda escolar gratuita?	1,0000	1,0000
Há policiamento próximo à escola?	0,5916	0,1748
Você lê livros além dos escolares?	0,0478#	0,3110

#diferenças significativas ($p < 0,05$) segundo o teste exato de Fisher. Fonte: Os autores.

Observação: os dados de porcentagens de 2014+2015 constam de FILADELFI et al., 2018, submetido e por essa razão não estão aqui exibidos na íntegra.

No entanto, observando-se os dados da Tabela 2, essa hipótese não parece ser verdadeira, uma vez que houve mais uma redução das porcentagens de respostas SIM em relação aos períodos comparados de 2016 para 2014/2015, para o Cajuru, do que propriamente um aumento dessas porcentagens para o Tatuquara.

Para melhor compreensão, estão citados a seguir apenas os dados significativos, sempre de 2016 X 2014-2015, respectivamente: no Cajuru (conhecimentos sobre leptospirose - 5% X 54%; de postos de saúde próximos à residência – 58% X 92%; leitura de livros além dos escolares – 68% X 86%); no Tatuquara (pessoas da família que frequentam o posto de saúde – 100% X 72%). Inclusive e ao contrário da hipótese inicial, os dados do Tatuquara permanecem inalterados em sua grande maioria, e no dado que foi significativamente alterado, pode se pensar de duas maneiras: uma negativa, supondo-se uma piora da qualidade de vida visto serem mais pessoas procurando o serviço de saúde ou outra positiva, de que as pessoas estão buscando mais a ajuda médica quando necessário ou, até mesmo, de que de a disponibilidade do atendimento médico tenha aumentado de alguma forma. Até que tenhamos notícia do público alvo do Tatuquara, infelizmente, a primeira hipótese parece ser mais provável do que a segunda.

Por outro lado, com exceção do conhecimento sobre leptospirose, a maioria dos aspectos em que as porcentagens aparentemente pioraram, em 2016, nos dois bairros, em princípio não têm relação direta com a atuação do projeto aqui abordado, visto que são mais relacionados à infraestrutura de cada um deles ou situações/hábitos de vida específicos da população. E ainda, ressaltamos que o questionário foi aplicado no primeiro encontro com o público-alvo e o conceito de leptospirose, por exemplo, ainda seria abordado nas aulas que viriam em seguida durante 2016.

Apesar de neste conjunto aqui analisado, os dados não terem sido reveladores dos benefícios das ações do projeto, estas são coerentes com a tríade ensino/pesquisa/extensão, não só pelo mapeamento da saúde integrar o aspecto da pesquisa ao projeto, mas por ações como: o treinamento de educadores nas instituições parceiras, a produção e divulgação virtual de materiais didáticos relacionados aos temas de aulas e pesquisa do projeto e, ainda, a construção, através de palestras, de uma ponte entre os temas estudados na pós-graduação em

Fisiologia e a comunidade, especialmente os pais ou responsáveis pelas crianças e adolescentes.

O conjunto de ações, portanto, permite que o conhecimento produzido e divulgado internamente à universidade chegue à comunidade de diferentes formas e que sua necessidade e aplicação seja retroalimentada pela própria comunidade, através não só dos dados dos questionários, mas também da importante interação dialógica que o projeto proporciona entre todos os participantes. Reitera-se, então, a relevância das ações de extensão, cuja efetiva ampliação faz-se ainda grandemente necessária nos centros universitários.

THE INSEPARABILITY BETWEEN TEACHING-RESEARCH-EXTENSION: REALITY, MYTH OR GOAL?

Abstract:

The effective inseparability between teaching, research and extension (ITRE) would guarantee the feedback of university research and teaching from the real needs of the population, based on the practice of university extension. The project, "Physiology in the Education of Conscious Young People for Citizenship", aims to expand the citizen training of children and adolescents, from 9-14 years, based on axes: (1) classes on the functioning of the human body, notions of self-care, etc ; (2) application of a questionnaire of general mapping of health, housing and sanitation to the target population, with the purpose of researching such conditions; (3) production and virtual dissemination of research results and didactic materials produced. The actions take place in two partner institutions, located in socially less favored neighborhoods of Curitiba, PR: Cajuru and Tatuquara. There are already publications about the project activities and class strategies used. In this article, data from the questionnaires obtained between 2014 and 2016 (n = 15-50) are presented and analyzed in the light of the actions of the project, the characteristics of the target audience and the ITRE theme. Although the data did not directly corroborate the benefits of the project actions, such as classes for the target audience and educators, post-graduation lectures in Physiology for parents linked to partner institutions and virtual dissemination of didactic materials, these have certainly allowed the university knowledge about health access and was retro-powered by the community itself. Therefore, the project seemed to contribute to the construction of the desired and relevant ITRE.

Keywords: Educacion. Health. Inseparability. University Extension.

REFERÊNCIAS

ANDERSON, W. A.; BANERJEE, U.; DRENNAN, C.L.; ELGIN, S.C.R.; EPSTEIN, I.R.; HANDELSMAN, J.; HATFULL, G.F.; LOSICK, R.; DOWD, D. K. O.; OLIVEIRA, B.M.; STROBEL, S.A.; WLAKER, G.C.; WARNER, M. Changing the culture of science education at research universities. *Science*, v. 331, p. 152-153, 2011.

BORGES, M. F.; ARAÚJO, J. B. Ensino, pesquisa e extensão na Educação Superior: processo histórico e perspectivas futuras. *Revista digital EFDeportes.com*, ano 17, n. 172. Buenos Aires, 2012.

BRASIL. Constituição (1988). Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília, DF,

Senado, p. 123(488f), 2015.

CAMPOS, L.M.C. et al. A produção dos jogos didáticos para o ensino de Ciências e Biologia: uma proposta para favorecer a aprendizagem. *Cadernos dos Núcleos de Ensino*, São Paulo, p. 47-60, 2003. Disponível em:

<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_nlinks&ref=000083&pid=S1516-7313201200030000400005&lng=pt>. Acesso em: 16 abr.2017

CATANA, L. T. O.; SOUZA, V. R. P. de. Análise Crítica Sobre o Princípio da Indissociabilidade Entre Ensino-Pesquisa-Extensão. Disponível em:

<<http://www.egov.ufsc.br/portal/conteudo/an%C3%A1lise-cr%C3%ADtica-sobre-o-princ%C3%ADpio-da-indissociabilidade-entre-ensino-pesquisa-extens%C3%A3o>> Acesso em 03 fev.2017.

CESAR, S.B. A indissociabilidade ensino, pesquisa, extensão e a gestão do conhecimento: estudo em universidade brasileira. 2013. 43f. (*Dissertação – Mestrado em sistemas de informação e gestão do conhecimento*) - Universidade FUMEC/FACE. Belo Horizonte, Minas Gerais, 2013.

COLEÇÃO extensão universitária 04: Indissociabilidade Ensino-Pesquisa-Extensão e a Flexibilização Curricular: uma visão da extensão. (Fórum de Pro-Reitores de Extensão das Universidades Públicas Brasileiras). Porto Alegre: UFRGS; Brasília: MEC/SESu, 2006, 100f. Disponível em: <<https://www.ufmg.br/proex/renex/documentos/Colecao-Extensao-Universitaria/04-Indissociabilidade-Ensino-Pesquisa-Extensao/Indissociabilidade-e-Flexibilizacao.pdf>>. Acesso em: 03 fev.2017.

FILADELFI, A. M. C.; NASCIMENTO, V. S.; CARVALHO, L.B.; CONCEIÇÃO, L.T.; TOBALDINI, G. Instrumentos pedagógicos interativos no ensino de Fisiologia e noções de saúde para jovens. *Revista Brasileira de Extensão Universitária*, v. 6, n. 1, p. 15-24, 2015.

FILADELFI, A. M. C.; SANTOS, M. R. S.; LEITE, T. P. B.; MURAOKA, S. Y.; TOBALDINI, G. Uso da web na prática extensionista na área da educação. *Revista Ciência em Extensão da UNESP*, submetido, 2018.

FILADELFI, A. M. C.; SCHAEGLER, F. G. L.; CARVALHO, L.B.; NASCIMENTO, V.S. b Fisiologia na educação de jovens para a cidadania. *Revista Conexão UEPG*, v. 10, n. 2, p. 336-347, 2014b.

FILADELFI, A. M. C.; SCHWANKE, A. A.; SCHAEGLER, F. G. L.; AIRES, I. R. O. A Fisiologia na educação de jovens para a cidadania. *Revista Extensão em Foco*, n. 9, p. 79 – 93, 2014a.

GONÇALVES, N. G. Indissociabilidade entre Ensino, Pesquisa e Extensão: um princípio necessário. *Revista Perspectiva*, Florianópolis, v. 33, n. 3, p. 1229-1256, 2015.

MACIEL, A. S., O princípio da indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão: um balanço do período 1988-2008. 2010. 196f. Tese (*Doutorado em Educação*) – Universidade Metodista de Piracicaba, Faculdade de Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Educação, Piracicaba, São Paulo. 2010.

MOITA, F. M. G. S. C.; ANDRADE, F. C. B. Ensino-Pesquisa-Extensão: um exercício de

indissociabilidade na pós-graduação. *Revista Brasileira de Educação*, Universidade Federal da Paraíba, v.14, n. 41, p. 269-393, 2009.

MURCIA, J. A. M. *Aprendizagem através do jogo*. Porto Alegre: Editora Artmed, 2005.

PAIVA, V. M. O. Ambientes virtuais de aprendizagem: implicações epistemológicas. *Educação em revista*, Belo Horizonte, v. 26, n. 3, p. 353-370, 2010 . Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-46982010000300018&lng=en&nrm=iso>. Acessado em: 10 fevereiro 2016

PELIZZARI, A. et al. Teoria da aprendizagem significativa Segundo Ausubel. *Revista Psicologia Educação Cultura*, v. 2, n. 1, p. 37-42, 2002.

PUHL, M. J.; DRESCH, O. I. O princípio da indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão e o conhecimento. *Revista Dialogus*, Ribeirão Preto, v. 5, n. 1, p. 39-55, 2016.

ROSÁRIO, C. L.; ARAÚJO, K. O.; FERREIRA, N. N.; MESQUITA, S. C. R.; SANTOS, R. M. R. Indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão universitária: experiências nos cursos de licenciatura do Instituto Federal de Roraima. 2013. Disponível em: <<http://www.aedb.br/seget/arquivos/artigos13/56218703.pdf>> Acesso em 11/02/2017.

SILVA, M. A. I.; MELLO, D. F.; CARLOS, D. M. O adolescente enquanto protagonista em atividades de educação em saúde no espaço escolar. *Revista Eletrônica de Enfermagem*, v. 12, n. 2, p. 287-293, 2010.

VYGOTSKY, L. S. *A Formação Social da Mente*. São Paulo: Martins Fontes, 1998.